

MULHERES NA REDE: CIBERFEMINISMOS EMERGENTES NO ISOLAMENTO SOCIAL

Aline Debossan Velozo ¹(PPGE/UFMT)
Terezinha Fernandes ²(PPGE/UFMT)

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa em fase inicial de desenvolvimento no Mestrado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), na linha de Organização Escolar, Formação e Práticas Pedagógicas, no âmbito do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (LêTECE). O objetivo do estudo é compreender como a atuação de mulheres ativistas, que passaram a integrar o ciberespaço a partir da condição de isolamento social, se constitui como propositora de práticas que mobilizam multiletramentos críticos. O estudo foi desenvolvido a partir das orientações da etnografia na cibercultura, com o mapeamento de cinco grupos ciberfeministas atuantes na região metropolitana de Cuiabá, cujas práticas sociais foram assistidas de forma síncrona e assíncrona durante a pandemia COVID-19, período de 08 de abril de 2021 e 05 de junho de 2021 e a análise, interpretação de dados e interações sociais foram realizadas buscando a relação entre educação, feminismo, uso de tecnologias digitais em rede (TDR) e multiletramentos críticos. Os resultados sinalizam que as integrantes dos grupos mapeados estão conectadas com mais de um grupo de mulheres; que apesar de atuarem na internet nem todos os grupos se reconhecem como grupos ciberfeministas; e que todos os grupos fazem ativismos em prol de lutas sociais e do empoderamento de mulheres.

Palavras-chave: Cibercultura; Ciberfeminismo; Tecnologias digitais em rede; Etnografia na cibercultura; Multiletramentos.

1 Considerações Iniciais

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). Bolsista CAPES. Especialista em Projetos e Práticas Educativas. Membro do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (LêTECE) – alinevelozo.mt@gmail.com

² Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com doutoramento sanduíche na Universidade Aberta de Portugal (UAB). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (UFMT), Membro dos grupos de pesquisa LêTECE/UFMT e GPDOC/UFRRJ – terezinha.ufmt@gmail.com

No fim de 2019, a descoberta de um novo vírus mudou o cenário social em todo o mundo. Entre muitos efeitos, o isolamento social implicado pela pandemia COVID-19 transformou comportamentos, formas de consumo e meios de comunicação, refletindo por consequência, nos processos de ensino e aprendizagem de diversos grupos sociais. A reorganização das interações humanas em experiências virtuais, fez crescer consideravelmente o uso das tecnologias digitais em rede (TDR) em múltiplas esferas da vida cotidiana, ampliando a experiência e a interação de comunidades e grupos diversos, dentre eles, os formados por e para mulheres na região metropolitana de Cuiabá.

Nesse contexto social, o objetivo do presente estudo é compreender como a atuação de mulheres ativistas, que passaram a integrar o ciberespaço a partir da condição de isolamento social, se constitui como propositora de práticas que mobilizam multiletramentos críticos. O presente artigo está estruturado em cinco tópicos, sendo o primeiro dedicado às considerações iniciais; o segundo à descrição metodológica; o terceiro à abordagem das bases teóricas; o quarto às análises e reflexões; e o quinto às considerações finais.

2 Aspectos Metodológicos

A compreensão antropológica de etnografia, conforme Emerson, Fretz e Shaw (1995), a define como a prática de representar a realidade social de outros através da análise da experiência própria no mundo daqueles outros. Na Cibercultura, como nos ensina Hine (2004), a etnografia assume o desafio de não apenas observar as práticas e interações humanas que ocorrem na internet, mas também legitimar o fenômeno sociológico, identificando sua relevância e objetivo. Segundo Santos (2019), pesquisar na cibercultura é atuar como praticante cultural produzindo dados em rede, pois trata-se de uma “cultura contemporânea que revoluciona a comunicação, a produção e circulação em rede de informações e conhecimentos na interface cidade–ciberespaço”.(SANTOS, 2019, p. 20).

Partindo dessa premissa, tomamos por base o mapeamento de cinco (5) grupos ciberfeministas atuantes na região metropolitana de Cuiabá, cujo as práticas sociais foram assistidas de forma síncrona e assíncrona entre 08 de abril de 2021 e 05 de junho de 2021, a partir da abordagem e das orientações para levantamento, análise e interpretação de dados e interações sociais dos estudos da etnografia na cibercultura, segundo Hine (2004).

No contexto da etnografia na cibercultura, foi realizada a descrição da identificação de cada grupo com os seguintes dados e pontos observáveis: nome do grupo, temática, cidade de origem, organizadora, data de realização, tecnologias mediadoras, quantidade de participantes ou visualizações, e sinopse do conteúdo.

Para a fundamentação teórica utilizou-se a pesquisa bibliográfica, “feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites”. (FONSECA, 2002, p. 32).

Quadro 1 – Síntese dos grupos analisados:

GRUPO 1	
GRUPO:	Lupus in Utero
PAUTA:	Leitura e discussão de obras feministas
MEDIADORA:	Fernanda Maluf e Larissa Campos
DATA DE REALIZAÇÃO:	08/04/2021
TECNOLOGIAS MEDIADORAS:	<i>Videoconferência via Google Meet</i>
Nº DE PARTICIPANTES:	12
SINOPSE:	Discussão da obra “Mulheres que correm com os lobos” da escritora Clarissa Pinkola Estés sobre o arquétipo da <i>Mulher Selvagem</i> .
GRUPO 2	
GRUPO:	Lendo Mulheres Cuiabá
PAUTA:	Leitura e discussão de obras feministas
MEDIADORA:	Fernanda Maluf e Larissa Campos
DATA DE REALIZAÇÃO:	26/05/2021
TECNOLOGIAS MEDIADORAS:	<i>Videoconferência via Google Meet</i>
Nº DE PARTICIPANTES:	08

SINOPSE:	Discussão da obra “Olhos D’Água” de Conceição Evaristo, com foco na população afro-brasileira e na pobreza e violência urbana que a acometem.
GRUPO 3	
GRUPO:	Levante Feminista Contra o Femicídio - Mulheres de Mato Grosso
PAUTA:	Promoção de debates sobre violência, machismo e feminicídio.
MEDIADORA:	Vilma Reis, Marcia Tiburi e Tania Palma
DATA DE REALIZAÇÃO:	05/05/2021
TECNOLOGIAS MEDIADORAS:	<i>Live streaming via Facebook</i>
Nº DE PARTICIPANTES:	143
SINOPSE:	Lançamento estadual da campanha <i>#NEMPENSEEMMEMATAR</i>
GRUPO 4	
GRUPO:	Grupo de Estudos do Corpo Gordo
PAUTA CIBERATIVISTA:	Descobrimo as potências do corpo gordo
MEDIADORA:	Dra. Maria Luisa Jimenez (UFMT) e Luana Orlandi
DATA DE REALIZAÇÃO:	01/05/2021
TECNOLOGIAS MEDIADORAS:	<i>Live streaming via Instagram</i>
Nº DE VISUALIZAÇÕES:	197
SINOPSE:	As mediadoras dialogam sobre experiências anti gordofobia a partir da pauta “ <i>Mulheres Gordas Escrevem</i> ”
GRUPO 5	
GRUPO:	Mulheres Pela Vida
PAUTA	Violência de gênero

CIBERATIVISTA:	
MEDIADORA:	Josi Crispim e Profa. Dra. Aline Wendpap (UFMT)
DATA DE REALIZAÇÃO:	19/06/21
TECNOLOGIAS MEDIADORAS:	<i>Live streaming via Youtube</i>
Nº DE VISUALIZAÇÕES:	172
SINOPSE:	As dificuldades de acesso às “ferramentas” de proteção às mulheres vítimas de Violência.

Fonte: Dados da Etnografia na Cibercultura realizada de 08 abril a 05 junho de 2021.

O mapeamento preliminar do presente trabalho possibilitou conhecer as práticas de mulheres na internet ampliando o olhar para os indícios de mobilização de multiletramentos críticos. A análise realizada contemplou as temáticas discutidas por estes grupos de mulheres, haja vista que o estudo está em fase inicial. Em análise posterior, o potencial do cenário contemporâneo em constante transformação, possibilitará observar os rearranjos nas práticas sociais de grupos ciberfeministas que por meio de práticas sociais dialogam também com processos de ensino-aprendizagem.

3 Bases Teóricas

A partir de Santos (2019), as “tecnologias digitais em rede estruturam e condicionam as atividades da nossa sociedade e a distância entre presença física e online, é cada vez mais tênue e não acreditamos nessa separação entre cidade e ciberespaço” (2019, p. 52). Isso possibilita aos praticantes inseridos em grupos digitais, a ressignificação das suas relações, baseada na ideia das redes como sendo um conjunto de nós conectados, criando assim um ambiente mais interativo na construção de novos conhecimentos.

Para Fernandes, Cruz e Santos (2020) no contexto da cibercultura, os multiletramentos são entendidos como práticas sociais, nas quais os sujeitos que as praticam podem atuar como protagonistas críticos diante dos discursos e das narrativas produzidas socialmente. Para as

autoras, “o caráter múltiplo, heterogêneo e multifacetado dos multiletramentos na cibercultura institui práticas sociais e educativas que se relacionam com cultura, poder e discurso, convergindo diversas potencialidades para o desenvolvimento de conhecimentos e saberes críticos”. (FERNANDES; CRUZ; SANTOS, 2020, p. 03).

Os multiletramentos (STREET, 2014), são práticas sociais em que os conhecimentos resultam dos modos como os sujeitos se relacionam com os contextos, os discursos produzidos, as relações de poder estabelecidas e os atravessamentos de suas múltiplas identidades. Desta forma, faz-se necessário promover multiletramentos que permitam uma leitura crítica capaz de reconhecer e reconstruir seus múltiplos sentidos.

Conforme Fernandes e Santos (2020):

Na cibercultura, praticantes culturais deixam rastros de suas interações e criações com imagens, narrativas e autorias em redes sociais, blogs, sites, plataformas de vídeos e outros meios e interfaces, e, nesse conjunto, mulheres de todas as faixas etárias se engajam por diversas causas feministas. Esse movimento é chamado (...) de quarta onda do feminismo ou ciberfeminismo, constituído por comunidades de mulheres ativistas na internet, militantes da cibercultura, em que a multiplicação de lutas e agendas tem o ciberespaço como meio de organização e extensão de seus campos de atuação na vida cotidiana. (FERNANDES; SANTOS, 2020, p. 08).

Fernandes e Santos (2021), afirmam também que o ciberfeminismo pode ser entendido como "uma nova onda de pensamentos e práticas sociais e políticas de mulheres ativistas, que, segundo Haraway (2009), se constitui do movimentos de mulheres em redes sociais na internet que praticam a “co-habitação” entre os meios tecnológicos e movimentos políticos". (FERNANDES; SANTOS, 2021, On-line, s.p). Nesse viés, torna-se importante refletir acerca de discussões no entorno de questões de gênero e ativismo digital que assumem caráter educativo mediadas por multiletramentos críticos, em grande parte – mas não somente – devidos às TDR, ampliadas pelo disruptivo isolamento social dos tempos de pandemia.

Ao partir da discussão sobre como, nas redes digitais, mulheres se encontram entre si e com o mundo para construção de identidades múltiplas, ativismos e resistências a variadas formas de opressão, Fernandes, Santos e York (2021) afirmam que, o ciberfeminismo “vem se expandindo como um espaço fecundo de experimentação social, ativismos, debates de gênero e tecnologias e construção de identidades múltiplas”. (FERNANDES; SANTOS, 2021, On-line, s.p).

Citando Fernandes, Santos e York (2021):

É com/na internet que os ativismos e as autorias de mulheres ciberfeministas têm contribuído para o debate de pautas importantes, desde as denúncias e evidenciação de históricos de opressões e violências contra mulheres até questões da atualidade. (...) Com o crescimento do ciberespaço e das redes sociais, o ciberfeminismo se abriu à pluralidade de ativismos, autorias e debates de mulheres e seus coletivos, tornando-se plural: ciberfeminismo(s). (FERNANDES; SANTOS, 2021, On-line, s.p).

Nessa perspectiva, as proposições dos grupos mapeados no presente trabalho, chamam atenção para o poder transformador das práticas que mobilizam multiletramentos críticos em meios externos à escola ou à universidade, incluindo-se a participação no ciberespaço.

4 Análises e Reflexões

Para compreender como a atuação de mulheres feministas que passaram a integrar o ciberespaço se constitui como prática educativa mobilizadora de multiletramentos críticos, foram selecionados 5 (cinco) grupos ciberfeministas da região metropolitana de Cuiabá-MT para mapeamento: *Lupus in Utero*; *Lendo Mulheres Cuiabá*; e *Grupo de Estudos do Corpo Gordo* na rede social *Instagram*; *Levante Feminista Contra o Femicídio Mulheres de Mato Grosso* na rede social *Facebook*; e *Mulheres Pela Vida* na rede social *Youtube*.

De maneira interligada, os grupos analisados perpassam pelo uso de tecnologias digitais em rede para ajudar a difundir e fortalecer a luta das mulheres. Os dois primeiros têm como prática a leitura e a discussão de obras feministas; o terceiro dialoga com as diversas questões que permeiam o corpo feminino, problematizando os eventos disparadores da gordofobia; o quarto promove debates sobre empoderamento feminino convidando mulheres para uma concepção de libertação a partir da construção da consciência da opressão; e o quinto grupo reúne eventualmente universidade e sociedade civil para abordar violência de gênero e feminicídio.

Os grupos fazem uso de tecnologias digitais em rede para ajudar a difundir e fortalecer a luta das mulheres e suas discussões exploram campos da política, saúde, sexualidade, cultura, mídia e diversos outros temas, o que permite, segundo Jimenez (2020), aprofundar a reflexão acerca dos ciberativismos de mulheres como um movimento que se ramifica para contemplar

diversos subgrupos minoritários, como mulheres negras, periféricas, LGBTQIAP+ e fora do padrão estético.

Em seguida, apresentamos as análises gerais dos grupos mapeados:

4.1 Lupus In Útero

O primeiro grupo analisado (Grupo 1 - Quadro 1) utilizou como tecnologia mediadora a *videoconferência* por meio da plataforma *Google Meet*, realizada no dia 08 de abril de 2021. O tema abordado foi o último capítulo do livro “*Mulheres que Correm com os Lobos*” de Clarissa Pinkola Estés, sendo a *videoconferência* analisada, a última de uma série que discutiu a obra a partir de leituras prévias. As duas mulheres propositoras que se apresentam como mediadoras do grupo são: a psicóloga Fernanda Maluf e a jornalista Larissa Campos, ambas domiciliadas no município de Cuiabá-MT. O grupo se reconhece como clube de leitura sob o nome “*Lupus in Útero*”, e reúne de forma recorrente mulheres dos mais diferentes perfis sociais para leitura e discussão de obras literárias escritas por mulheres.

As práticas do grupo para a leitura completa da obra “*Mulheres que Correm com os Lobos*” ocorreram ao longo de 15 meses, tendo início de maneira presencial em fevereiro de 2020, e migrando para o meio digital no mês seguinte em virtude da condição de isolamento social implicada pela pandemia COVID 19. Na *videoconferência* analisada, doze (12) mulheres estiveram presentes de forma síncrona, a partir da disponibilização do link de acesso a *videoconferência* na rede social do grupo no *Instagram*. Não houve disponibilização de gravação para ser assistida em momento assíncrono.

O canto profundo, o canto da alma. Chegamos ao último capítulo da leitura em conjunto dessa obra tão imensa e profunda, que a sensação é justamente a de estar de volta à superfície depois de um mergulho intenso. O que fazer agora, que vimos tantas maravilhas no fundo do mar da nossa consciência? Clarissa nos aconselha a ouvir o ritmo da vida, dos ciclos, da fala do outro, encontrar a verdade por detrás das máscaras que nos rodeiam, que nós mesmas usamos. Ouvir aquela voz que, ao contrário do Barba Azul, nos motiva a seguir adiante, a dar o primeiro passo, iniciar o projeto que tanto olhamos e pensamos "será que estou preparada?". Nesse ponto, sabemos que a experiência nos encontra na caminhada, e a fé de que haverá chão quando pisarmos no infinito nem sempre nos sustentará, já que aprendemos que entrar na selva subterrânea é uma dádiva engrandecedora. (LUPUS IN ÚTERO, 2021, On-line, s.p).

As mulheres participantes do grupo “*Lupus in Utero*” praticam o ciberfeminismo, ainda que não se utilizem do termo, formando um espaço para o ativismo. Leituras teóricas, como a prática social do grupo analisado, possibilitam a reflexão sobre o silenciamento das mulheres,

que, com acesso à literatura, passam a oferecer um outro lugar de fala, construindo novas representações de si mesmas e dos ambientes nos quais produzem e interagem.

4.2 Lendo Mulheres Cuiabá

O segundo grupo analisado (Grupo 2 - Quadro 1) utilizou como tecnologia mediadora a *videoconferência* por meio da plataforma *Google Meet*, realizada no dia 26 de maio de 2021. O tema abordado foi a discussão da obra “Olhos D’Água” da escritora Conceição Evaristo, com foco na população afro-brasileira e na pobreza e violência urbana que a acometem. A *videoconferência* analisada, é parte de uma programação de leituras de obras literárias escritas por mulheres organizada pelo grupo que se reconhece sob o nome '*Lendo Mulheres Cuiabá*'.

As reuniões do grupo são mensais e a cada uma delas um livro diferente é discutido. As duas mulheres propositoras que se apresentam como mediadoras do grupo são as mesmas propositoras do grupo Grupo 1 (Quadro 1), a psicóloga Fernanda Maluf e a jornalista Larissa Campos, ambas domiciliadas no município de Cuiabá-MT. As mediadoras explicam que a escolha dos livros é democrática, a única determinação é intercalar os gêneros literários. As práticas do grupo tiveram início de maneira presencial em agosto de 2019, e com o advento da pandemia, organizaram-se em meios digitais. Na *videoconferência* analisada, oito (8) mulheres estiveram presentes de forma síncrona, a partir da disponibilização do link de acesso a *videoconferência* na rede social do grupo no *Instagram*. Não houve disponibilização de gravação para ser assistida em momento assíncrono.

Dentro de tantas vozes, Conceição nos traz histórias arrebatadoras, tão densas que chegamos a sentir o cheiro de pólvora e suor da casa da Ana Davenga, do sexo de Luamanda, nos dói a dor latejante de Di Lixão, mas a dúvida da cor dos olhos da mãe, que viviam cheios d’água, um elemento que não deveria ter cor, nem cheiro, nem sabor, levaríamos para sempre, não fosse a habilidade da autora em nos empurrar mar adentro das suas descrições vivas e doloridas. (LENDO MULHERES CUIABÁ, 2021, On-line, s.p)

Antes do nome “*Lendo Mulheres Cuiabá*” o grupo intitulava-se “*Leia Mulheres Cuiabá*” uma referência à campanha *#readwomen2014*, em português, *#leiamulheres2014*, que discute igualdade de gênero através da leitura. De forma semelhante ao Grupo 1, as participantes de “*Lendo Mulheres Cuiabá*” não reconhecem ou utilizam os termos “*ciberfeminismo*” ou “*ciberativismo*”, mas por meio de sua prática, refletem e constroem novas representações de si mesmas e dos ambientes nos quais produzem e interagem.

4.3 Levante Feminista Contra o Femicídio - Mulheres de Mato Grosso

O terceiro grupo analisado (Grupo 3 - Quadro 1) utilizou como tecnologia mediadora a *live streaming* por meio da rede social *Facebook*, realizada no dia 05 de maio de 2021. O tema abordado foi o lançamento da campanha Levante Feminista Contra o Femicídio no Estado de Mato Grosso. A *live streaming* analisada, é parte de uma programação nacional de lançamentos estaduais da campanha *#NEMPENSEEMNOSMATAR*.

As mulheres propositoras do grupo *Levante Feminista Contra o Femicídio* são a socióloga Vilma Reis, a escritora Marcia Tiburi e a artista Tania Palma. Participam do grupo cerca de 200 mulheres feministas: negras, indígenas, periféricas, ribeirinhas, das matas, das florestas, quilombolas, das favelas, dos movimentos LGBTQIA+, antiproibicionistas, segmentos e organizações da sociedade civil. A *live streaming* analisada, foi visualizada 143 vezes ao longo de 30 dias desde sua transmissão ao vivo, já que houve disponibilização da gravação para ser assistida em momento assíncrono.

Nós do LEVANTE FEMINISTA CONTRA O FEMINICÍDIO - MULHERES de MATO GROSSO- nos juntamos às mulheres de todo o Brasil, com o fim de unirmos as nossas vozes para DENUNCIAR pois mulheres estão sendo assassinadas pelo simples fato de serem mulheres. Vítimas do patriarcado e de uma sociedade machista que oprime as mulheres, com o propósito de dominar nossos corpos tão objetificados. Erguemos as nossas vozes para EXIGIR que o Estado apresente ferramentas e que produza ações visando acolhimento, proteção e direcionamento (através de políticas públicas) para essas mulheres vítimas de violência, a fim de que essa mulher não seja obrigada a conviver com seu agressor e propenso a ser feminicida. (LEVANTE FEMINISTA CONTRA O FEMINICÍDIO - MULHERES de MATO GROSSO, 2021, On-line, s.p).

O grupo se reconhece como um movimento ciberativista lutando contra a violência, contra o machismo e contra o feminicídio, para ajudar mulheres a despertar sua consciência em relação a seus corpos, de sua integridade física, moral e psíquica.

4.4 Grupo de Estudos do Corpo Gordo

O quarto grupo analisado (Grupo 4 - Quadro 1) utilizou como tecnologia mediadora a *live streaming* por meio da rede social *Instagram*, realizada no dia 01 de maio de 2021. O tema abordado foi a pauta “*Mulheres Gordas Escrevem*”, sendo a *live streaming* analisada, parte de uma série para o IGTV do perfil do grupo na rede social *Instagram*, que discute gordofobia, resistência e ativismo através da escrita.

A *live streaming* ocorreu por meio da transmissão do diálogo entre duas mulheres propositoras: a pesquisadora de estudos de cultura contemporânea Dra. Maria Luisa Jimenez (ECCO/UFMT) e a jornalista e estudante de psicologia Luana Orlandi, sendo a primeira residente no estado do Mato Grosso, com atuação entre os municípios de Cuiabá e Chapada dos Guimarães, e a segunda no estado de São Paulo. A *live streaming* é uma das práticas sociais do “Grupo de Estudos Transdisciplinares do Corpo Gordo no Brasil” uma extensão-ação das investigações de doutoramento de Jimenez, que surgiu da necessidade da pesquisadora em levar para além da academia, em espaço virtual, a discussão sobre corpos gordos femininos.

A *live streaming* analisada, foi visualizada 197 vezes ao longo de 30 dias desde sua transmissão ao vivo, já que houve disponibilização da gravação no IGTV do grupo, para ser assistida em momento assíncrono. Nela, as propositoras dialogam com as diversas questões que permeiam o corpo gordo feminino, problematizando os eventos disparadores do artigo “O senso comum e o corpo gordo”, de autoria de Luana Orlandi, publicado no *blog* do próprio grupo, que contesta o discurso dominante em diversas esferas sociais, naturalizado pela mídia e por profissionais da saúde, no qual o corpo gordo deve ser combatido porque ser considerado “doente”.

A pessoa “obesa” é aquela que geralmente desconta suas frustrações na comida. A pessoa “obesa”, daquelas bem grandes e mórbidas mesmo, é aquela que come quantidades absurdas de comida, compulsivamente. A pessoa “obesa” pode ter seu excesso de peso justificado por relações interpessoais frágeis ou inconsistentes e, por isso, desconta tudo na comida. Vejam no CID da obesidade: geralmente, essas pessoas (gordes) possuem problemas sérios para se relacionarem consigo mesmas e com os outros. (...) Até quando vamos continuar desviando o olhar, temendo encarar as pessoas, a sociedade, seu preconceito enraizado e institucionalizado? Não está mais do que na hora de dizer, em alto e bom som, BASTA? (LUTE COMO UMA GORDA, 2021, On-line, s.p).

O grupo analisado reúne no ciberespaço mulheres que se encontram geograficamente distantes, por meio das redes sociais, *blogs* e outros e vêm na internet o centro da militância antigordofobia como espaço que interliga projetos e ativismos. Como pesquisadora que media as práticas sociais do grupo, Jimenez (2020, On-line, s.p) revela propriedade sobre os conceitos do ciberfeminismo e da cibercultura e afirma que “o ciberespaço é um mediador da aceitação do corpo gordo feminino”.

4.5 Mulheres Pela Vida

O quinto grupo analisado (Grupo 5 - Quadro 1) utilizou como tecnologia mediadora a *live streaming* por meio da plataforma *Youtube*, realizada no dia 19 de maio de 2021. A *live*

streaming analisada era parte da programação do evento “II Mulheres Pela Vida - Mulheres Que Se Doam”, uma iniciativa social, educativa e cultural de 15 a 19 de maio de 2021. O tema abordado foi a pauta “*As dificuldades de acesso às ferramentas de proteção às mulheres vítimas de Violência*”, uma roda de conversa mediada pela Professora Dra. Aline Wendpap (UFMT) e pela musicista Josi Crispim, curadora do evento.

A *live streaming* ocorreu por meio da transmissão do diálogo entre as convidadas: Barbara Lenza (Advogada para Mulheres Líder do Comitê de Combate a Mulher do Grupo Mulheres do Brasil – Núcleo Cuiabá), Dra. Jozirlete Criveleto (Delegada responsável pela Delegacia Especializada Da Mulher), Dra. Rosana Leite (Defensora Pública - Membro do Fórum de Mulheres Negras de Mato Grosso e do Conselho estadual dos Direitos da Mulher) Edna Sampaio (Vereadora PT), Elis Regina Prates (Secretaria Municipal da Mulher), Gian Carla Zanela (Diretora Geral de Mato Grosso – Hemocentro), Michelly Alencar (Vereadora DEM) Rosa Neide (Deputada Federal PT), Sazenazy Soares Rocha Daufenbach (Ministério Público) e Emirella Martins (Coordenadoria de Polícia Comunitária e Direitos Humanos da PM/MT) e foi visualizada 172 vezes ao longo de 30 dias desde sua transmissão ao vivo.

Uma mulher é assassinada a cada duas horas no Brasil, conforme o Atlas a Violência 2020, produzido pelo Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Das 4.519 mulheres mortas pelo feminicídio em 2018, 68% eram negras. Os dados foram levantados entre os anos 2008 a 2018 e apontam um aumento de 12,4% de homicídios de mulheres negras. Em Mato Grosso, os casos de feminicídio aumentam 58% entre 2020 e 2019. Dados da Secretaria de Estado de Segurança Pública (Sesp) mostram que, em média, pelo menos cinco mulheres são mortas todo mês no estado, pelo simples fato de serem mulheres ou em decorrência de violência doméstica. Em momento de pandemia, que se acentua em 2021, o cenário e a invisibilidade preocupam diante da necessidade de isolamento social das vítimas. (II Encontro Mulheres pela Vida, 2021, On-line, s.p).

O grupo se reúne anualmente para o movimento e ainda não se reconhece “ciberfeminista”, entretanto se apresenta como criador espaços de diálogos entre a universidade, sociedade civil organizada, poder público e grupos de engajamento para o combate da violência contra mulheres e com a programação, houve mobilização de uma campanha de doação de sangue.

Algumas das mulheres propositoras, com a função de mediar as *videoconferências e lives streaming*, relatam o despreparo da sociedade moderna para lidar com as pautas feministas. A maior parte das propositoras apresentaram em suas falas a percepção das mudanças de comportamentos, formas de consumo e meios de comunicação com o advento da pandemia COVID-19. Segundo elas, as estratégias de diversos grupos sociais, influenciadas

pelo isolamento, possibilitaram maior acesso às TDR, permitindo que os modos de organização de movimentos sociais fossem redimensionados, renovados e tornados mais acessíveis, produzindo, por consequência, novas construções em seus discursos e linguagens.

Existem dois pontos em comum entre os grupos analisados: o fato de suas participantes atuarem e/ou acompanharem outras comunidades ciberfeministas regionais e nacionais, e os modos de interação que, antes da condição de isolamento social, ocorriam de maneira presencial (por meio de rodas de conversa, minicursos, oficinas e palestras) e agora encontram-se concentradas exclusivamente no meio digital. Um assunto recorrente abordado pelos grupos pesquisados é o empoderamento feminino, convidando as mulheres, em suas especificidades, para uma concepção de libertação a partir da construção da consciência da opressão.

As práticas ciberfeministas mobilizadoras de multiletramentos críticos mapeadas no presente trabalho, suscitam a educação como algo que se faz junto e que implica o ato em que todos tomam posse do conhecimento. Segundo bell hooks (2019), é importante que a educação feminista seja constituída numa percepção crítica sobre a realidade social para a construção de ações transformadoras.

O mundo tecnológico, em princípio, sempre tem sido um domínio tradicionalmente masculino, por isso o território dos ciberfeminismos é amplo: inclui o espaço objetivo do ciberespaço, cada vez mais consciente do impacto das novas tecnologias na vida das mulheres (LEMOS, 2009). Nos tempos atuais a concepção de ciberfeminismos permite unir a força das mulheres como única possibilidade de alcançar “o empoderamento” necessário para mudar as estruturas profundas do patriarcado e conseguir assim um mundo mais justo e igualitário. (FERREIRA; LIMA, 2020, p. 17).

No viés de Fernandes, Santos e York (2020):

É necessário cada vez mais forjar espaços para o empoderamento de mulheres, reivindicação de suas pautas, ressignificando valores e desenvolvendo a participação ativa e crítica, com debates que dialoguem com as desigualdades que permeiam as relações de gênero também na educação, percebemos isso com as práticas ciberfeministas no *Instagram* com *live streaming*. A ocupação desses espaços promove mudanças, remodela e desafia coletivos de mulheres a repensar estratégias de atuação, papéis, repertórios de mobilização, modos de engajamento e de produção de saberes sem fronteiras geográficas e espaciais e possibilitam a representação de valores e interesses. (FERNANDES; SANTOS; YORK, 2020, On-line, s.p.).

As primeiras experiências ciberfeministas evocaram uma ideia ciborguiana para definir a concepção, ações e estratégias dos grupos ciberfeministas. O hackerativismo, a ironia, a informática, geek, cyberpunk e artística se sobrepuseram no ciberfeminismo executado pela VNS, OBN, artistas e teóricas. Em meados da década de 1990, aos poucos, as feministas migram para a internet, por meio dos correios eletrônicos que permitem a troca de informações e participações em tempo real. Diante dessa apropriação da internet pelos movimentos sociais feministas, o conceito de ciberfeminismo demonstra uma guinada prática com a popularização dos dispositivos móveis e o uso massivo da internet. (FERREIRA; LIMA, 2020, p. 22-23).

Nos ciberfeminismos, a apropriação das tecnologias digitais em rede é o próprio meio de expansão do discurso, bem como a ferramenta de atuação ativista, já que as relações entre mulheres e tecnologia são o centro da observação e criação da conectividade, fazendo jus a um dos principais preceitos propostos de Donna Haraway, que é o de utilizar as tecnologias de rede para a modificação da realidade político-social das mulheres. (HARAWAY, 1985, p. 47).

Nesse contexto, o feminismo se coloca como uma ação coletiva para transformar valores e instituições da sociedade, cujo as construções discursivas correspondentes são transpostas para as plataformas tecnológicas, redimensionando o processo de redefinição da identidade da mulher, ora afirmando a igualdade entre homens e mulheres, ora afirmando a especificidade do ser mulher e das práticas feministas como fontes de realização humana.

Tendo como objetivo promover o exercício da criticidade e o respeito à diversidade, a noção de espaço de aprendizagem vai além dos limites do conceito de espaço/lugar:

Com a emergência da 'sociedade em rede', novos espaços digitais e virtuais de aprendizagem vêm se estabelecendo a partir do acesso e do uso criativo das novas tecnologias da comunicação e da informação. Novas relações com o saber vão-se instituindo num processo híbrido entre o homem e a máquina, tecendo teias complexas de relacionamentos com o mundo. (SANTOS, 2016, p. 55).

A pandemia e o isolamento social colocaram-se como desafio à reconfiguração dos novos espaços do cotidiano, que antes se faziam com a presença no espaço físico e agora passam a ser feitos no espaço virtual ou ciberespaço. Nesse sentido, é possível dizer que os movimentos de mulheres ciberativistas marcados pela interseccionalidade, pelo empoderamento e pela sororidade, possuem caráter coletivo e compartilhado, que se faz ouvir por seu movimento na internet; com ocupações, antes das ruas e agora, das redes contribuindo para as novas gerações

de pensadoras, pesquisadoras e educadoras, e convidando outras mulheres a saírem do lugar de silenciamento histórico em busca de seu lugar de fala. (FERNANDES; SANTOS; YORK, 2020, On-line, s.p.)

5 Considerações Finais

Na perspectiva dos multiletramentos críticos, que refletem as mudanças sociais e tecnológicas da atualidade, ampliam-se e diversificam-se nas práticas sociais, não apenas as maneiras de disponibilizar e compartilhar informações e conhecimentos, mas também de lê-los e produzi-los. Assim, compreendendo que a tecnologia está inserida em diversos contextos do nosso dia a dia, é muito difícil pensar em práticas educativas que não estejam integradas à rede.

O presente estudo revelou que as integrantes dos grupos mapeados estão conectadas a mais de um grupo de mulheres; que nem todos os grupos se reconhecem como grupos ciberfeministas, apesar de atuarem na internet; e que todos os grupos fazem ativismos em prol de lutas e do empoderamento de mulheres. Dessa forma, os resultados e discussões desencadeadas pelo estudo sinalizam que é possível construir práticas educativas contemporâneas que mobilizam multiletramentos críticos a partir da atuação de grupos ciberfeministas.

Para adoção de práticas formativas será importante analisar de maneira mais aprofundada o contexto histórico-cultural dos grupos ativistas selecionados, daí a necessidade de realizar, por meio de estudos futuros, outras reflexões acerca do tema e sobre os achados deste estudo que apontem caminhos para os ciberativismos na condição de isolamento social.

Investigar os ciberfeminismos em tempos de COVID-19, no cenário brasileiro permanece uma urgência, dadas as incertezas que o atual contexto político-social abarca, bem como o potencial crítico-transformador da atuação feminista em rede, seja ela de afetos, de colaboração, de ativismos, de ciberativismo, posto que as lutas das mulheres que os propõem são sempre coletivas.

Referências

FERNANDES, Terezinha. CRUZ, Dulce. SANTOS, Edméa. **Perspectiva social e abordagem crítica dos multiletramentos na cibercultura**. Revista UFG, V.20. 2020.

FERNANDES, Terezinha. SANTOS, Edméa. **Ciberfeminismo em Redes Sociais, Lugar de Fala e Multiletramentos Críticos**. In: Encontro Virtual da ABCiber, 1, 2020. Disponível em: <http://abciber.org.br/simposios>. Acesso em: 04 de junho de 2021.

FERREIRA, G. V. P., & LIMA, J. V. R. B. da C. (2020). **Ciberfeminismo: feministas tecem uma nova rede**. Diversitas Journal. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i3-1209> Acesso em 05 de junho de 2021

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

HINE, C. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

II Encontro Mulheres pela Vida. **UFMT Notícias** <https://www.ufmt.br/noticias/ufmt-e-parceira-em-evento-que-aborda-violencia-contra-mulher-1620948833> Acesso em 05 de junho de 2021.

JIMENEZ, Maria L. J. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. Tese de doutorado do Programa de Pós Graduação Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, da Faculdade de Artes e Comunicação, UFMT, 2020.

LEMOS, Marina. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas** Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, 2009.

LENDO MULHERES CUIABÁ, Grupo de Leitura. **Lendo Mulheres Cuiabá**. <https://www.instagram.com/lendomulherescba/> Acesso em 23 de Maio de 2021.

LEVANTE FEMINISTA, Campanha de Lançamento. **Levante Feminista Contra o Femicídio**. <https://www.instagram.com/levantefeminista> Acesso em 20 de Maio de 2021.

LUPUS IN UTERO, Grupo de Leitura. **Lobas se Gestando no Útero.**
<https://www.instagram.com/lupusinutero/> Acesso em 08 de Abril de 2021.

LUTE COMO UMA GORDA, Grupo de Estudos. **Grupo de Estudos do Corpo Gordo.**
<https://lutecomoumagorda.home.blog/author/luanaorlandi/> Acesso em 31 de Maio de 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Edméa (Org.). **Mídias e tecnologias na educação presencial e a distância.** Rio de Janeiro: LTC, 2016.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura** / Edméa Santos. – Teresina: EDUFPI, 2019. E-book. ISBN: 978-85-509-0541-9. 1. Educação. 2.

SANTOS, Edméa; FERNANDES, Terezinha; YORK, Sara Wagner. **Ciberfeminismos e expressões contemporâneas: pluralidade de vozes e ativismos.** Revista Horizontes. 2021, online. Disponível em <http://horizontes.sbc.org.br/> Acesso em 05 de junho de 2021.

SEGATA, Jean e RIFIOTIS, Theophilos. **Políticas etnográficas no campo da cibercultura.** Editora Letradágua, Joinville: 2016.